

# Nacional

## Política de A a Z

### BOM DIA VITORINO NEMÉSIO

Nem sempre aplaudimos Vitorino Nemésio, mas merecemos sempre a sua sincera admiração. Homem de letras eminente, investigador da mocidade de Herculano e probo anotador das suas cartas, evocador da vida tumultuosa dos exilados liberais, ficcionista de primeira qualidade, grande poeta, poeta vivo a desafiar os anos com uma magnífica juventude criadora, Vitorino Nemésio abandona a direcção de «O Dia» dando uma lição de dignidade. Ele não quis aceitar o entendimento do jornalismo como uma forma de intoxicação da opinião pública ao serviço de alguém que paga. Contra Nemésio as palavras, as explicações, as insinuações, são, neste caso concreto e triste, setas de ponta romba que não atingem o alvo. O «caso Nemésio» é de uma clareza meridiana. O intelectual, cuja presença cívica poderá ter merecido ou vir a merecer alguma crítica, não estava disposto a ver o seu nome ligado à promoção publicitária de uma campanha vil, de uma manobra de Perturbação e de intoxicação da vida política portuguesa, que visa um objectivo claro para além de muito ruído vão. Não é por ingenuidade ou por ardente profissionalismo que se promove um livro especulativo no qual, página a página, se deparam fantasias, interpretações abusivas, mentiras e calúnias. Sabe-se perfeitamente que a campanha visa principalmente membros do actual Governo, dirigentes do Partido Socialista, dirigentes do Partido Comunista, muitos outros antifascistas, figuras sãs e militantes da oposição democrática. Não houve qualquer iniciativa, qualquer prurido de responsabilidade profissional, para apurar se eram certos os factos, idóneo o narrador, comprovadamente responsável o editor. Não houve qualquer diligência para contactar as forças políticas visadas. Para confirmar se os factos eram verosímeis, se as acusações, para além de enlamear os alvejados, não tinham mais ambicioso objectivo. Seja, por exemplo, o de liberar, ou contribuir para que libados venham a ser, os já libertos agentes directos e indirectos do crime infame que vitimou Humberto Delgado. A «direita» não escolhe argumentos; é preciso vender o papel. E a «direita», neste caso triste «O Dia», acertou a pontaria para o Governo socialista, abriu fogo sobre a oposição democrática que se bateu contra o regime fascista.

Vitorino Nemésio não podia deixar o seu nome ligado à ignóbil especulação publicitária a que «O Dia» descera. Demitiu-se, honradamente. Bom dia Vitorino Nemésio!

### BASTA DE SITUACIONISMO E BASTA DE SUBVERSÃO REACCIONÁRIA

Não queremos um novo «situcionismo». Não queremos a «partidarização do Estado». Mas aqui denunciámos, e com toda a clareza, que aqueles que citam palavras de Manuel Alegre contra as acções ou decisões que representam um propósito de cortar o passo à ofensiva fascista, são apenas hipócritas aproveitadores das liberdades que o regime democrático lhes consente para atacarem a Liberdade, a Democracia e o Socialismo. Não queremos um novo «situcionismo» e não desejamos a «partidarização do Estado». Mas não queremos «situcionismo», que a sombra do «25 de Abril» se ataquem os «Capitães de Abril», o Conselho da Revolução, os militares porque militares, e o Presidente da República porque garante de uma Constituição que começa a ser o alvo privilegiado da «direita» legal e clandestina, legalista (contra a legalidade democrática), golpista e subversiva (contra a ordem democrática e o conteúdo antifascista que deverá ser o seu). Não queremos «situcionismo», mas não queremos que uma imprensa ao serviço da reacção interna e internacional, seja uma arma ofensiva contra a Democracia. Não queremos a «partidarização do Estado», mas não consideramos possível construir a Democracia sem os democratas, algumas vezes contra os melhores democratas.

### SER LIVRE NÃO É SER IRRESPONSÁVEL

Se alguém diz, falando da imprensa, numa cerimónia pública: «Deixem-na, portanto, especular, deixem-na a falar, deixem-na ser livre», esse alguém não estará pensando no insulto ao Presidente da República (sem crítica), na acusação de cumplicidade num crime de morte lançada contra o Primeiro-Ministro (sem fundamento, prova, indício). Ser livre é ser responsável. A liberdade de crítica, não é a liberdade da calúnia. A liberdade em Democracia não pode ser entendida como um suicídio, mas, sim, como uma afirmação. Ser livre é ser responsável. Não se é livre ao serviço dos que pagam a mentira, dos que ordenam, planeiam e pagam a intoxicação da opinião pública.

### ESCLARECER E CRITICAR

Não se poderá acusar a Imprensa de especular só porque os jornais lançam hipóteses de trabalho que poderão ser exploradas pelos investigadores policiais, pelos comentadores da vida política, pelos homens políticos, pelos governantes. Mas a Imprensa, se livre e independente, terá que medir sempre o alcance do que divulga, o significado político do que afirma. Publica-se para aí um jornal que a ninguém enganava: é o jornal da «direita» que não finge ser do «centro». Louvada seja a franqueza desses homens da «direita» que como tal se assumem. Porque — ai de nós! — a maioria da Imprensa desce à praça mascarada e procura enganar os leitores. Nós queremos uma Imprensa livre e crítica. E por uma Imprensa livre, capaz da livre crítica, capaz da contestação responsável e lúcida, nos bateremos. Mas não seremos solidários da Imprensa assalariada pelo Capital e pela Reacção. Não deixaremos de lutar pela Liberdade, e pela Livre Crítica, denunciando os «vendilhões do Templo», os «vendilhões da Imprensa», os servidores do «antigamente», os saudosos dos «bons tempos», os apologistas claros (ou disfarçados), do «regresso» e da «desforra».

## ITEIRA SANTOS E O 5 DE OUTUBRO

# Revolução burguesa ou popular?

O dr. Piteira Santos, nosso director-adjunto, proferiu ontem no Palácio Foz uma conferência sobre a Revolução de 5 de Outubro, iniciativa integrada na exposição, ali aberta ao público, sobre a arrancada republicana em Outubro de 1910.

Escutado por muitas pessoas, que enchiam literalmente a sala da biblioteca daquele Palácio, o dr. Piteira Santos, depois da apresentação feita por Manuel Alegre, abordou, polemicamente por vezes, alguns aspectos do 5 de Outubro. Diria, nomeadamente, que apesar das milhares de páginas escritas sobre aquele evento, a história do 5 de Outubro continua por fazer. Aliás, da Revolução de 4 e 5 de Outubro de 1910, pois como salientou Piteira Santos a República foi de facto proclamada em algumas localidades do País, em Loures e outras terras a sul do Tejo, no dia 4 de Outubro.

A parte porventura mais inédita da conferência de Piteira Santos foi aquela em que procurou caracterizar o 5 de Outubro: revolução popular ou revolução burguesa? É sabido que Lenine escreveu, nos seus livros, que o 5 de Outubro havia sido uma revolução burgesa, atendendo sobretudo à participação e ao papel desempenhado pelos populares. Piteira Santos, sobre este aspecto, carregou alguma luz, que muito ajudará a definir, do ponto de vista sociopolítico, o 5 de Outubro.

Piteira Santos diria, a propósito daquele juízo de Lenine, que este não tivera conhecimento dos aspectos insurreccionais da Revolução Republicana, da presença dos civis

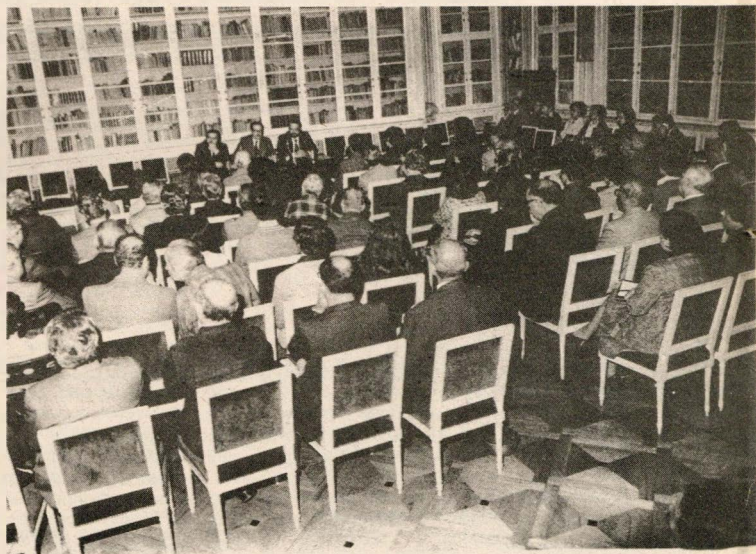
### UM "PIDE" ILIBADO

## U.R.A.P. discorda da absolvição

Em carta dirigida ao Presidente Ramalho Eanes, a União de Resistentes Antifascistas Portugueses sublinha, a propósito da absolvição pelo 2.º Tribunal Militar Territorial de um agente da Pide/DGS., que tal sentença não ocorreu por acaso antes inserindo-se «numa vasta manobra, friamente planeada, com cumplicidades que convirá averiguar, no sentido, de para já, retardar os julgamentos da Pide, na expectativa de que eles não venham a realizar-se ou, em caso afirmativo, venham a saldar-se por absolvições ou, eventualmente, por penas ridículas».

Considerando ainda que se tal situação ocorrer constituiria um insulto à memória dos antifascistas presos, torturados e mortos pela PIDE, um ultraje à consciência democrática da esmagadora maioria dos portugueses, a U. R. A. P. refere também que a «decisão do 2.º T. M. T. de que um dos membros teve a honra de não alinhar na manobra antidemocrática — constitui um ataque despuddorado à Constituição e a tudo o que esta representa, como querer colectivo de um povo que já disse basta! à humilhação fascista».

A U.R.A.P. salienta finalmente na sua carta ao P.R. que se impõe «que essa decisão seja revogada, com a maior urgência, porque o tempo, neste caso, é um capital político que as forças antidemocráticas jogam».



A Biblioteca do Palácio Foz encheu-se para a conferência do nosso director-adjunto

nos teatros decisivos da acção, do carácter plebeu e proletário do recrutamento dos republicanos da participação operária nos combates de rua, nos as-

salto aos quartéis, do povo em armas, do acampamento da Rotunda, que foi durante alguns dias um centro paralelo de Poder.

No final da sua conferência o dr. Piteira Santos respondeu a algumas questões que, sobre o tema, lhe foram postas por alguns dos presentes.

### UMA EFEMÉRIDE DE MORTE

## Sobreviventes do Tarrafal em jornada antifascista

Faz na próxima sexta-feira, dia 29, quarenta anos que foi inaugurada em Santiago de Cabo Verde o campo de concentração do Tarrafal. Efeméride de morte, sobreviventes que naquele campo estiveram prisioneiros vão assinalá-la em Lisboa com a realização dum cortejo automóvel que percorrerá as principais ruas da capital.

O cortejo partirá às 15 horas da Junqueira (junto à Feira Internacional de Lisboa), seguindo pelo Largo do Calvário, Alcântara, Cais do Sodré, Terreiro do Paço, Santa Apolónia, Graça, Paiva Couceiro, Chile, Campolide e Alto do Parque Eduardo VII, de onde descerá possivelmente pela Avenida da Liberdade.

Dezenas e dezenas de antifascistas perderam a vida no campo de concentração do

Tarrafal, após dolorosos sofrimentos; e muitos outros contraíram graves doenças que vieram a vitimá-los após o regresso a Portugal. Os que sobreviveram têm agora esta iniciativa simples mas de alto significado. Alguns deles e outros antifascistas que igualmente conheceram o horror das prisões de Salazar e Marcelo seguirão o cortejo em dois carros miúdos ornamentados para o

feito. Os antifascistas que estiverem interessados no cortejo poderão integrar-se.

Entretanto, a URAP, União dos Resistentes Antifascistas Portugueses, dando apoio à iniciativa dos lutadores sobreviventes do campo do Tarrafal realiza também na próxima sexta-feira à noite e em local a determinar, uma sessão. Farão sobreviventes.

## UNIÃO DAS COOPERATIVAS DOS PRODUTORES DE LEITE DE ENTRE DOURO E MINHO COMUNICADO

A Direcção da União das Cooperativas dos Produtores de Leite de Entre Douro e Minho, com instalações administrativas e fabris em Portas Fronhas — Vila do Conde, relativamente a uma notícia incerta no jornal «Diário», de 18 do corrente mês, afirmando estar a União subordinada à CAP, vem declarar o seguinte:

1. É totalmente falsa, neste aspecto, a notícia em questão, traduzindo apenas, pelo menos, falta de cuidado jornalístico;
2. Não está a União, exceptuando as suas associadas, ligada ou subordinada a quaisquer organizações agrárias ou outras, nomeadamente políticas, apenas aqui se tratando de assuntos respeitantes à Lavoura cooperativa leiteira.

Portas Fronhas — Vila do Conde, 22 de Outubro de 1976.

A DIRECÇÃO  
Assinatura ilegível